

05-04-2023

A EQUAÇÃO DESAGRADÁVEL:**notas sobre a surdez contemporânea****Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Não há necessidade de nenhum esforço para que se perceba: vivemos hoje uma equação desagradável em que a maioria das pessoas quer falar, fala o tempo inteiro, fala pelos cotovelos, emite opiniões instantaneamente, mas não ouve. Esta equação, vista como sintoma e como documento desse tempo, resulta de um problema: a surdez contemporânea. Parece que os dois pontos da equação - falar em demasia e não escutar - são polos antagônicos, distantes e isolados. Mas não são: o mesmo processo social que motiva as pessoas a exercerem a verborreia, é o que as impede de escutar. Os denominados mecanismos mediadores, como são as redes moduláveis da internet, ao afastarem a fala da presença corporal e criarem pessoas viciadas em mensagens supostamente ingênuas, geram uma gramática social em que os sujeitos, dependentes e carentes, necessitam de falar o tempo todo, retirando-lhes as condições de ouvir. O assunto é tão sério que intelectuais como Suely Rolnik, Eugenio Bucci, Vladimir Safatle, Christian Dunker, para referir-se apenas aos intelectuais brasileiros, reivindicam a escuta como propriedade ética, política, cognitiva e, inclusive, terapêutica (de cura). Por isso, não é absurdo sintetizar: quem perdeu a capacidade da escuta e quer apenas falar está perdendo a si mesmo, pois perde o Outro com quem o sentido de sua vida é constituído. Convém repetir: não ouvir é uma excelente maneira de perder o Outro. Perder o Outro é condição para a perda de si. É isso mesmo: a escuta refere-se à relação que se tem com o Outro. Ao respeito ao que, na circunstância vital de nossa presença no mundo, integra-se como parceiro, como causa, como motivação para, concordando ou discordando dele, nos compormos como seres de aprendizagens. Não há como se omitir dessa equação desagradável, tanto é que o campo/questão Saúde do Trabalhador possui uma premissa seminal: não há saúde do trabalhador sem escuta. Não há, e nem haverá. Silenciar os trabalhadores por meio de ameaças feitas pelo Estado consoante aos direitos previdenciários; ou extirpar a sua voz porque, conforme a hegemonia científica, não lhes cabe o saber douto. Apagar a sua memória de luta, de vida e de afeto.

Negar-lhes, no consultório médico, que falem o que sabem de si mesmos em nome das fórmulas medicamentosas; tomar conta de sua consciência arremessando-lhes informações desconexas por meio de redes, e desprezar a sua experiência de trabalho, são mecanismos que culminam com o que tem sido chamado de patologização social global. Promove-se, assim, um escuticídio. Não há saúde do trabalhador sem escuta – sim!

E não há democracia sem paixão pelo que o Outro vai dizer mesmo que diga o que não se quer escutar. Entretanto falar, num mundo ruidoso e prosaico, todos falam como se os espaços sociais fossem uma espécie de megafone coletivo delirante. O mercado grita intempestivamente, assim gritam setores religiosos; segmentos acadêmicos em formas de juridiquês, economicês, politiquês... Mas quem escuta os trabalhadores? Aliás, a pergunta é: por que não se quer escutar o trabalhador? Estamos certos: escutar, como aludiu Paulo Freire (2015), é uma condição de respeito ao Outro. Sem escuta não há ética, nem solidariedade, muito menos luta e enfrentamento. Normalmente, a imposição da surdez é capricho dos ditadores, dos fascistas, dos nazistas e de toda atitude autoritária. Os ditadores impõem a surdez porque temem a sua própria fragilidade, usam armas, táticas de exílio e de violência porque não querem saber do Outro. Cassam vozes, vidas e projetos. Todo autoritário teme a palavra do Outro porque ela pode decifrar o seu equívoco, a sua ignorância, a sua mediocridade. O autoritário fala e quer falar só; fala para ordenar e para impor, exige que o Outro se subordine silenciosamente à sua fala. Por isso, quer eliminar a troca, o conflito e o diálogo.

Se a surdez imposta é a chancela do autoritário, o diálogo aberto é a condição da democracia. Conforme assinala Dunker (2020), “escutar é sair de si”. Não há como escutar antecipando o que o Outro vai falar. Do mesmo modo, não é possível ter uma escuta dedicada cifrando a fala do Outro. Ouvir é dar-se à surpresa e da surpresa criar interrogações. A escuta pede silêncio e encantamento; pede humildade e atenção. Quase sempre quando se escuta o silêncio povoa-se de imaginação. Um sujeito prosaico perde as possibilidades de reflexão, pois o seu cérebro se instala na velocidade acelerada das máquinas que deceparam florestas, memórias e afetos. A equação desagradável (do atual período) municia uma subjetividade pobre que, por sua vez, constitui relações vulneráveis.

A questão - como efetivar relações íntegras e consistentes no atual período? - parece pedir silêncio, boa escuta e reflexão. ■ ■ ■

Referências

- Dunker C. *Paixão da ignorância – a escuta entre psicanálise e Educação*. São Paulo: editora contracorrente, 2020
- Freire P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.